

# Usos de *ver* em sentenças complexas

Cristina dos Santos Carvalho

Departamento de Educação – Campus XIV – Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
crystycarvalho@yahoo.com.br

**Abstract.** *In this paper I investigate uses of **ver** “to see” and its sentential complements in order to verify the action of the Uniformitarian Principle (Labov, 1995). Then, I examine data from two periods of Portuguese, the archaic and contemporary ones. Based on the theoretical assumptions from the functionalist approach, I show that some uses of **ver** indicate change or continuity in the semantics and syntax of this verb in complex clauses.*

**Keywords.** *Sentential complements; semantic properties of the main verb; uniformitarian principle; panchronic perspective.*

**Resumo.** *Neste trabalho, a partir do que é preconizado pelo princípio do uniformitarismo (Labov, 1995), verifico se os usos de **ver** e de suas completivas encontrados no período contemporâneo do português (mais precisamente, no século XX) já vigoravam no período arcaico dessa língua (mais especificamente, no século XV). Fundamentada nos pressupostos do funcionalismo lingüístico, mostro que os resultados obtidos para alguns usos de **ver** em sentenças complexas evidenciam não só a manutenção mas também a mudança de comportamento semântico e sintático desse verbo em sentenças complexas.*

**Palavras-chave.** *Complementos sentenciais; propriedades semânticas do verbo da matriz; princípio do uniformitarismo; enfoque panocrônico.*

## 1. Introdução

O processo de complementação verbal pode ser caracterizado sob as perspectivas estrutural e semântica. Estruturalmente, as orações completivas admitem configurações sintáticas diversas. Na língua portuguesa, por exemplo, elas podem ser: (a) completamente justapostas, sem conectivos; (b) justapostas inseridas por um pronome ou advérbio interrogativo; (c) introduzidas por uma conjunção integrante com verbo no indicativo ou no subjuntivo; (d) realizadas na forma não-finita com verbo no infinitivo ou no gerúndio; (e) nominalizadas. Semanticamente, as completivas que funcionam como argumentos internos verbais podem ser subcategorizadas por tipos semânticos diferentes de verbos: declarativos, cognitivos, volitivos, causativos, perceptivos<sup>1</sup> etc. Ademais, mesmo inserido em um grupo semântico, um item verbal, que constitui o predicador matriz, pode apresentar diferentes significados. Por exemplo, em sentenças complexas com encaixamento de oração completiva, o verbo **ver**, categorizado semanticamente como perceptivo, pode ser empregado com diversas acepções, referentes tanto à percepção sensorial como à percepção intelectual.

Para Givón (1990:517), no domínio da complementação verbal, as propriedades sintáticas das completivas estão relacionadas às propriedades semânticas do verbo da matriz. No entanto, nesse domínio, pode haver manutenção ou mudança dessas propriedades no curso evolutivo de uma língua. A continuidade de padrões semânticos e sintáticos de usos de formas ou construções lingüísticas em diferentes sincronias remete ao princípio do uniformitarismo (Labov, 1995), que prevê que as tendências de variação ou mudança que atuam na fase atual de uma língua são as mesmas que atuaram em sincronias anteriores e continuarão a ocorrer em estágios posteriores. A atuação desse princípio em sentenças complexas tem sido observada por pesquisadores funcionalistas (Votre, 1999, 2001; Oliveira, 2001, dentre outros) que analisam fenômenos sintáticos numa perspectiva pancrônica, em que se conjugam dados sincrônicos e diacrônicos.

Fundamentando-me nos pressupostos do funcionalismo lingüístico, verifico, a partir do que é preconizado pelo princípio do uniformitarismo, se os usos de **ver** e de suas completivas encontrados no período contemporâneo do português já vigoravam no período arcaico dessa língua. A amostra sincrônica consta de dados da modalidade falada do português brasileiro atual do século XX. Tais dados foram levantados a partir de diferentes amostras do Projeto PEUL (Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua), desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A amostra diacrônica é composta de textos escritos do século XV. Foram selecionados, então, como *corpora*, documentos representativos dessa sincronia: *A Crônica de D. Pedro* e *A Carta de Pero Vaz de Caminha*.

## 2. Análise dos dados

Neste item, apresento uma descrição semântica e estrutural de **ver** e suas cláusulas encaixadas nos séculos XV e XX. Na descrição estrutural, centro minha atenção nos parâmetros grau de finitude da completiva, animacidade, explicitude/omissão, correferencialidade e formas de expressão de sujeitos e pessoa gramatical dos sujeitos das sentenças matriz e encaixada. Também forneço informações sobre a forma etimológica de **ver** e seus usos no latim. Contemplo, inicialmente, os dados sincrônicos e, subseqüentemente, os diacrônicos.

### 2.1. VER em estruturas complexas no português contemporâneo

Como já foi dito, no português atual, o verbo **ver** possui uma gama de sentidos, que se referem tanto à percepção sensorial como à percepção intelectual. Esse verbo ainda pode apresentar, em um mesmo domínio (físico ou mental), significados muito próximos entre si, o que, às vezes, torna difícil delimitar, com clareza, a diferença entre uma acepção e outra em um dado contexto. Sobre a complexidade semântica de **ver**, Votre (2001) afirma que “a dificuldade em identificar e classificar alguns sentidos e usos [de **ver** na fase arcaica do latim e do português] sugere o caráter complexo e indefinido, indeterminado, do perfil semântico do item que está sendo analisado. (...) **A mesma dificuldade em incluir em classes nítidas de significados se verifica no português contemporâneo** (grifo meu)”.

Em virtude das razões explicitadas anteriormente, optei por agrupar alguns usos de **ver** levando em conta os seguintes critérios: (a) a referência ao domínio físico e/ou cognitivo; (b) a ocorrência em um contexto sintático ou discursivo específico; e (c) o desempenho de funções gramaticais ou pragmáticas. Os sentidos desse verbo foram, então, categorizados do seguinte modo:

- (a) **ver**<sup>1</sup> (com apenas sentido físico) (01);
- (b) **ver**<sup>2</sup> (com apenas sentido abstrato) (02);
- (c) **ver**<sup>3</sup> (com a co-ocorrência dos sentidos físico e abstrato) (03);
- (d) **ver**<sup>4</sup> (acepção de ‘verificar algo no futuro’<sup>2</sup> codificada na estrutura *para/prá ver selcomo*) (04);
- (e) **ver**<sup>5</sup> (uso como advérbio) (05);
- (f) **ver**<sup>6</sup> (uso como marcador conversacional) (06).

- (01) É, isso...porque quando assim, tem...**Eu vejo pessoas inteligente conversando** eu presto atenção nas conversa dela (...). (Inf. 06, Amostra 00 (C), Primário, p. 12) <sup>3</sup>
- (02) Não, o boxe (é) ... (é) ... é (hes) (tosse). É um esporte bom, né? é um esporte legal, mas (eu) ... eu parei (porque) ... porque tem muita coisa, assim, ... um golpe muito ruim é na cara, entendeu? (est), aí eu parei, num gostei não. Eu batia (só de ) só de ... do ... da cabeça pra baixo só, nunca fui de batê na cara não (est) **aí eu vi que num valia a pena não**. (Inf. 20, Amostra 00 (C), p. 14)
- (03) (...) a reação na hora (est) você pode reagí, como você não pode (hes) depende do momento, né? geralmente, você vê, né? se ... eu, como homem, você ... **o homem sempre vê, no momento, se dá pra reagir** ou não dá (est), aí depende do momento, né? da sua reação, num é? (Inf. 20, Amostra 00 (C), p. 12-13)
- (04) O próprio trabalhador é que ainda tem que se esforçar **para ver se consegue ter algum dinheiro** (buzina) que ele já devia ter tido há muito tempo. (est) ah, não! isso está tudo errado. (Inf. 34, Amostra 80, p. 16)
- (05) Por exemplo, a- na Escavagem te dão uma planta, não é? Tem o homem que desenha, o cara- a sala de risco, lá não é desenho, não é? É sala de risco. Então tem aquelas tubulação todas, não é? Tem um motor, tem tudo. O homem que fez aquilo, ele nunca viu um- **Vai ver que não sabe nem o que é um motor!** Mas ver o que é a participação de cada um. (Inf. 09, Amostra 80, p. 14)
- (06) Ai, nem sei Luciana, juro que eu nem sei. (falando rindo) Eu vejo filme pra caramba! mas!... (pausa) (“Depois oh...”) (hes) Eu gostei de Cinema Paradiso... **Deixa eu ver**<sup>4</sup> o (“cinema”) que é mais fácil pra eu contar... esse Pretty Woman... teve... Ah... (hes) tem tantos filmes que eu gosto... (Inf. 14, Amostra 00 (C), p. 05)

Passo a tratar de algumas propriedades estruturais de cada uso de **ver** e de suas completivas, no que tange às categorias lingüísticas controladas neste trabalho.

**Ver**<sup>1</sup> admite sentenças finitas e não-finitas. As finitas podem ser introduzidas por conjunção integrante ou pronome ou advérbio interrogativo. As não-finitas podem ocorrer com verbos no infinitivo e no gerúndio. Esse uso pode ter, nas cláusulas

encaixadas, sujeitos correferenciais ou não, animados ou não, que podem estar explícitos ou implícitos. As completivas podem ocorrer com qualquer forma de expressão de sujeito (SN pleno e anáforas pronominal e zero). Não existe restrição de pessoa gramatical nos sujeitos das cláusulas matriz e completiva.

**Ver<sup>2</sup>** ocorre com completivas finitas e não-finitas (nesse último caso, somente quando tem o significado de ‘tomar conhecimento, saber’). As suas completivas podem ocorrer com sujeitos animados ou inanimados, explícitos ou implícitos, correferentes ou não aos sujeitos das matrizes. Nesse uso, também não há restrição de pessoa gramatical ou formas de expressão de sujeitos.

**Ver<sup>3</sup>** apenas se realiza com orações finitas. Quanto às propriedades explicitude/omissão, correferencialidade e formas de expressão de sujeitos, animacidade e pessoa gramatical dos sujeitos das sentenças matriz e encaixada, observa-se, nesse uso, a mesma possibilidade de comportamento apresentada para **ver<sup>2</sup>**.

**Ver<sup>4</sup>** só subcategoriza sentenças finitas introduzidas pela conjunção integrante *se* ou pelo advérbio interrogativo *como*. O sujeito de **ver**, nesse uso, não é explicitado, sendo realizado, pois, como uma anáfora zero. Esse sujeito, que é o da cláusula matriz, pode ser correferencial ou não ao da completiva e se caracteriza por sempre ter o traço [+ animado]. No que concerne aos sujeitos das sentenças encaixadas, não há restrição quanto ao fator animacidade.

**Ver<sup>5</sup>** apenas é empregado em um contexto estrutural cristalizado: o verbo **ver** se realiza sempre na forma perifrástica do futuro (na terceira pessoa do singular e sem explicitação do sujeito), seguido ou não da conjunção *que*. Esse foi, portanto, o contexto que possibilitou a reanálise<sup>5</sup> e, por conseguinte, a gramaticalização desse verbo em um advérbio.

**Ver<sup>6</sup>** ilustra um emprego de **ver** como marcador conversacional na expressão *deixa eu ver*, que é utilizada em contexto de pausa de raciocínio. Nesse contexto, **ver** sempre ocorre na primeira pessoa do singular e está associado a *deixar* na segunda pessoa do singular.

Comparando-se os tipos de **ver** encontrados no português contemporâneo, observa-se que esse verbo conserva plenamente o seu sentido lexical quando empregado como **ver<sup>1</sup>**, **ver<sup>2</sup>** e **ver<sup>3</sup>**. O uso mais gramaticalizado de **ver** é aquele que equivale a um advérbio de dúvida (**ver<sup>5</sup>**). Nesse caso, o verbo perdeu completamente o seu sentido lexical e passou a funcionar como uma categoria gramatical. Um outro uso que parece estar a caminho de se gramaticalizar é **ver<sup>4</sup>**, que geralmente se atualiza lingüisticamente em estruturas de finalidade do tipo *pra ver se...* ou *pra ver como...*. Parece que, nesse uso, está havendo uma decategorização (cf. Hopper, 1991) de **ver**, uma vez que o sujeito desse verbo não é explicitado.

## 2.2. VER em estruturas complexas no latim e no português arcaico

O verbo **ver** tem como forma etimológica o vocábulo latino *videre*, que era utilizado com várias acepções, a saber: ‘ver, perceber pela vista’, ‘notar’, ‘observar’, ‘constatar’, ‘ouvir’, ‘ir ter com alguém’ (sentidos concretos); ‘ver com os olhos do espírito, com o pensamento, com a imaginação’, ‘compreender’, ‘julgar’, ‘determinar’ (sentidos abstratos) (cf. Nascentes, 1932; Machado, 1967).

No latim, as orações subcategorizadas pelo verbo *videre* podiam ser realizadas na forma finita e não-finita. Quando finitas, eram inseridas por uma conjunção integrante (07) ou partículas interrogativas (08). Quando não-finitas, ocorriam no infinitivo com sujeito no acusativo (09).

(07) **Vide ut puellam curent.** (Afran.177)<sup>6</sup>

‘Vê que tratem da moça’.

(08) **Vide si<sup>7</sup> quam mox vapulare vis<sup>8</sup>.**

‘Por favor, veja se você quer apanhar mais.’

(09) **Intro ire neminem video.** (Ter., Andr., 363)

‘Não vejo ninguém entrar’.

Nos dados do português do século XV, foram registrados os seguintes sentidos para **ver** com orações completivas: ‘enxergar’ ou ‘presenciar’ (10), (11), ‘perceber’ (12), ‘concluir’ (13), ‘verificar algo no futuro’ (14).

(10) (...) e Seg<sup>o</sup> oque amy e atodos pareço. esta jemte nō lhe lhes faleçe out<sup>a</sup> cousa peraseer toda xpaã ca entende renos. / por que asy tomauam aquilo **que nos viam fazer** como nos meesmos. per onde pareço atodos que nhuaa jdolatria ne adoraçõm teem. (CC, fl. 13, l. 2-7)

(11) O meestre ficou espantado (...); e andando mui rrijo d’hua parte aa outra, nom o podiam ferir os beesteiros com as maçãs, ataa que o ouverom de ferir e caiu em terra por morto. El-rrei, **quando vio o meestre jazer em terra**, saiu pello alcaçar cuidando achar alguus dos seus pera os matar. (CP, cap. 20, l. 56-66)

(12) Os mouros agravarom-sse todos dizendo a el-rrei Vermelho que por a contenda que el avia com rrei Maffoma entrara já el-rrei tres vezes na terra e que se perdia o rreino de Graada. El-rrei ouve d’isto rreço e **veendo que nom podia levar adeante aquello que começara**, ouve conselho de se viir poer em poder e mercee d’el-rrei de Castella e que el-rrei, des que o visse, averia piedade d’elle e teeria com elle alguua boa maneira (...). (CP, cap. 33, l. 28-33)

(13) (...) e assi lh’os tragiam presos do cabo do rreino e lh’os apresentavom hu quer que estava; e da mesa se levantava, se chegavom a tempo que el comesse, por os fazer logo meter a tormento; e el meesmo poinha em elles maõ **quando viia que confessar nom queriam**, firindo-os cruellmente ataa que confessavam. (CP, cap. 6, l. 22-27)

(14) Eaa sesta pola manhaã as biij oras pouco mais ou menos per conselho dos pilotos mandou ocapitam leuantar amcoras e fazer vela e fomos de lomgo da costa com os batees e esquifes amarados perpopa comtra onorte **peraveer se achauamos alguua abrigada e boo pouso** omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha. (CC, fl. 2, l. 11-17)

Pode-se observar que, no período arcaico da língua portuguesa, **ver** já possuía tanto usos concretos (10), (11) como abstratos (12), (13), (14), os quais também já eram atestados no latim. É interessante destacar que, apesar da possibilidade de esse verbo ocorrer com sentidos concretos e abstratos, não foi documentado, nos dados diacrônicos, um uso de **ver** que comporta simultaneamente esses dois sentidos, o híbrido. Talvez esse fato seja apenas uma singularidade dos dois documentos analisados e não propriamente da fase arcaica da língua portuguesa.

Também não houve nenhuma ocorrência do uso mais gramaticalizado de **ver**: aquele que se aproxima de um advérbio de dúvida na expressão **vai ver que**.

Como já era de se esperar, usos de **ver** em marcadores conversacionais não foram encontrados nos dados diacrônicos, uma vez que tais usos são próprios de textos falados e as únicas fontes disponíveis para análise de material diacrônico são os textos escritos.

As codificações morfossintáticas dos complementos oracionais dos usos de **ver** atestados no português arcaico são praticamente as mesmas possíveis no português contemporâneo. No que concerne ao grau de finitude, na amostra diacrônica, ocorreram completivas de **ver** finitas (12), (13), (14) e não-finitas (10), (11). Não foram registradas ocorrências de completivas não-finitas no gerúndio, o que não significa uma garantia de que essa estrutura já não fosse utilizada no período arcaico do português. Já quanto às propriedades explicitude/omissão, correferencialidade e formas de expressão de sujeitos e pessoa gramatical dos sujeitos das cláusulas matriz e completiva, não houve diferenças de usos entre as duas sincronias examinadas.

### 3. Conclusão

Neste trabalho, mostrei que os resultados obtidos para alguns usos de **ver** em sentenças complexas - **ver**<sup>1</sup>, **ver**<sup>2</sup> e **ver**<sup>4</sup> - evidenciam a continuidade de comportamento semântico e sintático desse verbo na trajetória do latim ao português contemporâneo. Verifica-se, então, nesses três tipos de **ver**, a atuação do princípio do uniformitarismo. Tais resultados permitem confirmar a asserção de Votre (2001) de que “o exame de *ver*, nas três sincronias [no latim e nas fases arcaica e atual da língua portuguesa], com contextos suficientes para detectar sentidos concretos e abstratos em cada uma delas, (...) parece contribuir para os argumentos em favor da permanência da sintaxe e da semântica desse verbo, em sua trajetória no curso dos séculos”. Para esse autor, itens verbais como *videre* “continuam a representar, na roupagem fonológica de hoje, o trabalho sintático e semântico que faziam no latim”.

Note-se, no entanto, que há usos de **ver**, registrados apenas na amostra sincrônica, que não oferecem evidências para se fazer uma afirmação sobre manutenção de padrões semânticos desse verbo e, por conseguinte, sobre a atuação do princípio do uniformitarismo. Por exemplo, os empregos de **ver** na expressão **vai ver que** (**ver**<sup>5</sup>) e em marcadores conversacionais (**ver**<sup>6</sup>), que correspondem àqueles que passaram, respectivamente, pelos processos de gramaticalização e discursivização.

Quanto à configuração morfossintática das completivas de **ver**, pode-se considerar que, de um modo geral, não houve tantas mudanças estruturais dessas sentenças na trajetória do período arcaico ao contemporâneo do português. Nesse sentido, confirma-se a asserção de Votre (2001) de que “o português no Brasil se mostra estável, no período de cinco séculos, com pontos tênues de variação e **com indicativos**

**de mudança restritos a lugares específicos da estrutura** e, sobretudo, do léxico” (grifo meu). Nos dados analisados, a única diferença encontrada entre as fases arcaica e atual da língua portuguesa tem a ver com um fato morfossintático que está associado ao parâmetro grau de finitude da sentença completiva: a ausência, nos dados do português arcaico, de orações completivas de **ver** no gerúndio.

Assim, neste trabalho, o exame dos dados sob uma perspectiva panorâmica permitiu evidenciar, com base em um único item verbal que funciona como predicador da matriz e em seus diferentes usos, tanto a continuidade como a mudança de aspectos semânticos e sintáticos (cf. Votre, 1999, 2001) de **ver** em sentenças complexas.

## Notas

<sup>1</sup> Esta classificação semântica de verbos baseia-se em Mateus et al. (1989) e Neves (2000).

<sup>2</sup> Assim como Cezario (2001), optei por distinguir esse uso do verbo **ver** de outros usos que também remetem a uma percepção intelectual pelo fato de o sentido de ‘verificar algo no futuro’ geralmente ocorrer no contexto sintático de cláusula hipotática final.

<sup>3</sup> Na reprodução dos exemplos, manteve-se a transcrição grafemática original das entrevistas que compõem as amostras do Projeto PEUL.

<sup>4</sup> Nesse exemplo, a expressão **deixa eu ver** foi realizada foneticamente como [šo’ve].

<sup>5</sup> O conceito de reanálise, na literatura lingüística, diz respeito a “uma mudança na estrutura de uma expressão ou grupo de expressões, que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca na sua manifestação superficial” (cf. Langacker, 1974 apud Hopper e Traugott, 1993:40).

<sup>6</sup> Exemplos (07) e (09) foram retirados de Faria (1958:408, 418).

<sup>7</sup> Segundo Maurer Jr. (1959:219), uma inovação do latim vulgar é o emprego de *si*, em vez de *ne*, como partícula interrogativa; tal substituição já era documentada nos textos latinos desde Plauto e Terêncio.

<sup>8</sup> Exemplo citado por Votre (1999:20).

## Referências bibliográficas

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. e HEINE, Bernd (eds). *Approaches to grammaticalization*. 2 vols. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

\_\_\_\_\_. e TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993. 256 p.

- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. v. 1. Cambridge: Blackwell, 1995.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Confluência, 1967.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 2.ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 1989. 417 p.
- MAURER JR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro, 1959. Acadêmica. 298 p.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Orações adjetivas: uma abordagem pancrônica. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 92-103, 2º semestre, 2001.
- VOTRE, Sebastião. *Cognitive verbs in Portuguese and Latin – unidirectionality revisited*. University of California, Santa Barbara, 1999.
- \_\_\_\_\_. Continuidade e mudança em verbos cognitivos em latim e português. In: XLIX SEMINÁRIO DO GEL, Marília, mai, 2001.